

Patrimônio dos orphãos de Segundo Wanderley

Manoel Dantas

NATAL D'AQUI A CINCOENTA ANOS

Segunda conferencia re-
alizada no salão de honra
do Palacio do Governo, em
21 de Março de 1909.

DR. ISRAEL NASARENO



Typ. d' "A Republica"

NATAL

REIO que todos os senhores e senhoras
minhas, que o espirito de philantropia
condemnou a ouvirem-me, conhecem O BLOCO.

Devo, desde logo, declarar que não se trata
do bloco politico creado para eleger o conselheiro
Affonso Penna; refiro-me ao jornalzinho deste
tamanho que conhecido magistrado... perdão! o
conselheiro Accacio creou para levar a gente na
troça.

Si alguém ha que não conheça essa interes-
sante revista do que ha de bom e mau em nos-
sa terra—politica, folgazã, tãgarella e esfuziante
—como modestamente se apregôa, lamento sin-
ceramente o infeliz, privado, dest'arte, da intel-
ligencia, da luz, da vida.

Muitas de minhas gentis ouvintes estão a me
acenar com o leque ordens que me parecem des-
encontradas. Curvo-me, no emtanto, submisso—
sei eu si á sedução de olhos que matam, si á
força imperativa do leque, simbolo da sobe-
rania e da graça femininas, sceptro da ga-
lanteria, quando fechado, aza palpitante na ex-
tremidade de uma mão branca, quando abert-
to—e nessas ordens vejo, ou antes, advinho a
satisfação daquellas que tem obtido as prefe-
rencias maviosas de «Rosa Velludo» e o des-
peito encantadoramente fingido daquellas cujos
perfis ainda aguardam o *visto* do conselheiro Ac-
cacio.

Não preciso apresentar-vos o conselheiro Ac-
cacio. Si tivesse surgido dez annos atraz, seria
um conselheiro *fin de siècle*. Agora, na incerte-
za de o vermos chegar ao fim da era em que
vivemos, podemos chrismal-o um conselheiro
smart, dernier cri. Não é o tipo simplorio e in-
genuo, de oculos e balandrau, que serviu de

3-XII-927

moldura burgueza a Eça de Queiroz para as prozas do «Primo Brazilio». Não. O conselheiro da terra obteve a carta com o despontar dos primeiros pellos do bigode—naturalmente, por não ter pago imposto da mercê—traja roupas claras, *panamá* desabado sobre os olhos, flor na lapella, lancha nos hotéis e adora o *flirt*.

O director d'O BLOCO não respeita conveniencias : leva na troça o vigario da freguezia, o homem da venda e o escrevinhador das *Coisas da Terra*. *Charges* continuas tem mais de uma vez chegado a mostarda ao nariz desse pacato representante das lettras potyguares que, si fosse dado á esgrima e não temesse o art. 307 do Cod. Penal, já teria inspeccionado as banhas do conselheiro... a ponta d'espada.

Dentre as varias frioleiras que o BLOCO serve habitualmente aos seus milhares de assignantes, adubadas ou desadubadas de sal e pimenta, vem de vez em quando á baila um pic-nic que aquelle honrado jornalista—o Braz Contente—jamais em sua consciencia prometteu offerecer, porrem nunca dirá que seja pura invenção de algum jornalista desoccupado, porque entende que o BLOCO é como o Epaminondas da *Artesinha* do padre Pereira : *adeo veritatis diligens erat ut ne joco quidem mentiretur*.

Tenho, pois, plenos poderes—e quem duvidar desses poderes poderá verificá-los na procuração bastante passada em notas do tabellião Miguel Leandro, si bem que maculada de alguns peccados contra a ortographia do venerando Aulete—tenho plenos poderes, dizia eu, para affirmar que o pic-nic de Braz Contente será tão certo como todos nós irmos para o céu quando for tempo. Apenas, para prover ao preparo de uma festa tão interessante, ella realizar-se-á em 1959.

Cincoenta annos de espera não é lá muita demora para os que tiverem a fortuna de saborear os acepipes desse agape original.

Faço desde já extensivo o convite a todos aqui presentes, senhores e senhoras. Poderão comparecer sem susto a exemplo do que farei, são como um pêro, no verdor dos noventa annos.

Não se assombrem os senhores com o nume-

ro dos convivas para uma festa intima por es-
tarmos aqui, seguramente, mais de 240 pessoas.
Antigamente, dizia-se: nas festas intimas, sen-
tam-se á mesa nem mais de dez, nem menos de
cinco. Mas, a quatro do corrente, não vimos nós
um almoço intimo de mais de cincoenta talhé-
res, em aprazivel vivenda campestre, com mesa
lauta em forma de E., banda de musica, discus-
sos de arromba e...cartolas? Estabelecendo a
progressão, não é de admirar que, em 1959, 240
seja o numero dos convivas consagrado para os
regabofes intimos. Não vão agora os senhores
fazer espirito chamando de *pic-nic das duzias* a
festa do Braz Contente, que seria, quando mui-
to, um brodio de anciãoes.

Não riam as senhoritas que apresentam, se-
ductoras e gracios, a flexibilidade de um corpo
adolescente. Serão magestosas sob o seu toucado
de neve e havemos de consagrar ao Amor o *flirt*
de cabellos brancos.

Nesta visão do futuro, prescindimos das con-
cepções estreitas da forma e da belleza. Os se-
culos são instantes na vida dos mundos; e, para
apreciar as harmonias da natureza, a edade não
influe, porque, como disse o poeta :

Deus fez o astro p'ra luzir nos ares,
A meiga rôla p'ra gemer na selva,
A borboleta p'ra brincar na relva,
A branca espuma p'ra boiar nos mares.

Deus fez o cysne p'ra vogar nas aguas,
O doce orvalho p'ra banhar as flores,
A meiga esp'rança p'ra acalmar as dores,
A onda altiva p'ra rugir nas fragoas.

Deus fez a aguia p'ra voar na serra,
O passarinho p'ra cantar nos bosques,
A flor mimosa p'ra enfeitar a terra.

Deus fez a nuvem para os ceos azues,
Deus fez a virgem p'ra viver de sonhos,
Deus fez o homem p'ra viver de luz.

Parece que já adqueri o direito de livrar a mim e a vós da caceteação do exordio, mesmo porque os senhores ainda não sabem a que folhas andam. Convidei-os para um pic-nic. Mas onde?

No *Perigo Imminente*.

O *Perigo Imminente* é um morro celebre, a leste da cidade, que nem todos os senhores conhecerão pelo nome, porem todos certamente conhecem pelo aspecto imponente.

Adoro os morros que nos circumdam como um collar de perolas, esmeraldas e topazios ; são como o prolongamento das espumas do mar, onde as ondinas vem misturar-se ás borboletas que adajam na floresta para celebrarem á luz do sol a festa da natureza.

Minha preferencia pelo *Perigo Imminente* justifica-se, porem, porque traz-me a recordação de um dos mais interessantes episodios—a unica conquista talvez—da minha vida de jornalista.

No tempo em que aguentava o fardo que passei gostosamente para o costado do meu distincto amigo dr. Sergio Barreto, cheguei um bello dia no escriptorio da *Republica* e encontrei o Zé Pinto num dos seus raros momentos de mau humor, de calça e camisa, serio e solemne, dizendo-me logo á queima-roupa, em risco de partir-me as molas da carcassa :

—E' meio dia e não temos materia ; os typographos estão dormindo sobre as caixas.

Os senhores, si forem supersticiosos, quando tiverem a crueldade de querer desgraçar um inimigo, basta rogarem-lhe uma praga :

—Permitta Deus que sejas jornalista no Rio Grande do Norte ! E, si quizerem uma praga rigorosa, dessas damnadas, que levam para o inferno sem forma nem figura de juizo, accrescentem : «com Zé Pinto na gerencia, quando tem falta de materia.»

—Mas, Zé Pinto, disse eu, não dei hontem materia de sobra ? Parte official, Lições de Geographia, e aquellas excellentes transcripções do *Jornal do Commercio* ?

—Não dá p'ra meia missa. Preciso de um artigo de fundo.

—Um artigo de fundo!...exclamei com a sensação de um pedaço de céu velho que me cahisse na cabeça...Artigo de fundo a esta hora... sobre que?...Não temos licença de divertir com o *Diario*...Sobre politica geral, corpo molle... Engrossamento ao governador do Estado ou ao chefe do partido, não é dia de anniversario, nem vespera de eleição...Melhoramentos materiaes, podem suppor que os não temos de sobra...Assumptos litterarios, não é essa a minha especialidade...Um artigo de fundo!...O pessoal gostará?...Não seria melhor uma transcripção?

—Não sei, accrescentou o Zé Pinto com um meio riso sardonico, o pessoal anda «trependo» como o diabo na *Republica*, porque, ha quatro mezes, limita-se ao expediente do governo, «Casos e Coisas», «Lições de Geographia», «O que vae pelo mundo», «Alimentos de Poupança», «Cartas de Paris» fabricadas aqui na redacção. Dizem que é o dr. Pedro Velho embarcar para o Rio, não sae mais um periodo de materia redacional.

—Dizem isto os barbaros?... Querem artigo de fundo?...pois vou empanturrar-os de artigos de fundo. Mas, Zé Pinto, a esta hora, com este calor, o que poderei eu inventar? Ajude-me, pelo amor de Deus, lembre-me um assumpto, implorrei supplicante.

—Não sei. O dr. (nesse tempo ainda não eramos compadres) é o redactor-chefe, deve saber mais do que eu. Puxe pelo quengo.

—Ah! Já sei.

E lembrei-me que, justamente na vespera, ao chegar em casa, encontrara umas roseiras, que cultivava com muito carinho e esmero, inteiramente murchas e destroçadas pelas areias quentes que a ventania forte espalhara durante o dia. E, zas! Escrevi logo no alto da tira, em letras garrafaes: PERIGO IMMINENTE.

Contei a historia do morro situado em frente á Cidade Nova deslocando-se sob a acção dos ventos rijos, espalhando as areias sobre as ruas como um vasto lençol tenebroso e mortifero. Fui eloquente; recorri ao Larousse para dar uma descripção do Sahara; evoquei casos phantasticos de cidades inteiras sepultadas sob as dunas; falei

das erupções do Vesúvio e da Montanha Pelada, lembrando Herculano, Pompéa, S. Pedro de Martinica, e conclui, fazendo um appello aos sentimentos humanitarios do coronel Joaquim Manoel, benemerito presidente do governo municipal, pedindo-lhe lançasse vistas protectoras sobre este perigo imminente que ameaçava a cidade de uma destruição completa.

Efeito da poeira das dunas, borrifada de espuma, ou efeito do calor da phrase, ordinariamente semsaborona e insulsa, o facto é que, ao brado de alerta do jornal contra a acção do vento que ameaçava nivelar o comoro que servia de anteparo ao mar, o presidente do governo municipal impressionou-se e, resolutamente, cuidou logo de oppor um anteparo ao vento. Cercas, plantações, guardas, postos de vigia, tudo que a sciencia dos morros aconselha para a fixação das areias, foi levado ao *Perigo Imminente* para dar combate ao vento. A vegetação surgiu como por encanto, pondo tufos de verdura na careca formidavel, que apresenta hoje o aspecto bizarro da cabeça de um deus Pan preparado para as bacchanas da mythologia pagã.

Eis porque escolhi o *Perigo Imminente* que, em 1959, será um dos pontos mais attrahentes da cidade, com seus casinos e hoteis monumentaes coroados de altos terraços, onde os aeroplanos vem aterrar ; as estações da estrada de ferro aerea que corre pela crista dos morros até Guarapes, despertando sensações e bellezas estranhas ; as escadarias de marmore e de granito descendo para o mar e para a planicie sob arcadas graciosas de folhagens variegadas, onde canta diariamente a passarada ; as casas de campo dependuradas das encostas como ninhos ; um mixto de progresso e de poesia ; a harmonia das coisas ; o consorcio do pãssado e do futuro ; jardins suspensos, salpintados das mais bellas flores tropicaes, evolvendo perfumes para o ceo ; scenario brilhante, onde, de vez em quando, realiza-se o baile que o poeta assim descreveu :

D'um rboxinol aos tremulos harpejos,
Da Casta Diva aos morbidos pallores,

Num setineo vergel, bailam as flores,
Ebrias de seiva e loucas de desejos.

Valsam rosas em languidos adejos
Dos colibris nos azas multicores ;
Borboletas, de artisticos labores,
Seguem subtis os magicos festejos.

Depois, na alfombra delicada e leve,
Uma abelha doirada serve a ceia :
—Favos de mel e lagrimas de neve.

Termina o baile ao despontar d'aurora.
Toda a floresta de prazer pompêa...
Só a saudade no silencio chora !

* *
*

É, pois, a este morro, belveder da civilização americana em frente ao oceano, que a gratidão popular pelo serviço que A REPUBLICA prestara chrismou com a phrase que traduzira os receios do jornalista de antanho, que, em nome do Braz Contente, levarei todos que me agora ouvem para apreciarmos de lá o que é esta cidade no anno da graça de 1959.

Natal já hoje é antiga e será eterna como o mundo, porque nasceu envolta na lenda.

Rezam velhas chronicas que, quando Jeronymo de Albuquerque, no intuito de fundar uma cidade cujo nome lembrasse o natalicio de Jesus de Nazareth, aproou para estas bandas, appareceu-lhe no convez da caravela que bordejava fora da barra, incerta do ancoradouro, uma creança divinamente bella que lhe apontou o rumo do porto seguro e do seguro abrigo. Vasta floresta cobria o solo rico de seiva e virgem de ser humano. O indio bravio passava de lado, deslumbrado pelos clarões que illuminavam a floresta e amedrontado pelo som de vozes estranhas que estrondeavam como trovões. Havia a tradição de ser alli o paraizo escolhido pelo Senhor para lhe prestarem culto na terra.

E a cidade surgiu nesse mesmo dia, á sombra da Cruz, em honra do Senhor. Desencadearam-

se, porem, as paixões indomaveis. O odio, a vingança, a cubiça, substituiram a virtude, a paz e o amor; o sangue derramado tingiu de rubro o solo virgem; as arvores da floresta cahiram feridas de morte pelo fogo e o machado destruidores; o homem deu caça ao homem. Veiu um dia o furacão, encrespou as ondas e cavou o fundo do mar, donde tirou um lençol de areia alvissima com que envolveu a cidade do Senhor como num sudario. Ao longe, de mar a mar, cyclopes de areia ficaram velando a execução do castigo.

Mas a semente plantada na terra dantes abençoada foi medrando, foi medrando, e travou-se, dentro em breve, a lucta da vida que desponta contra a areia do deserto que asphixia. A pouco e pouco, formaram-se os oasis, onde o homem nasceu, cresceu, viveu, amou e morreu. Mas, sempre intensa e forte, sem tregoa e sem mercê, a lucta da semente que quer medrar no deserto de areia que quer matar, até o dia em que a creança, que guiara a bordada da não de Jeronymo de Albuquerque, bradou do alto do *Perigo Imminente* :

O tu, cidade bemdita. que soubeste viver sob o sudario de areia, sem blasphemar da vida;

O tu, que escreveste a primeira epopéa da coragem guerreira de Felipe Camarão;

O tu, que engendraste a alma forte de Miguelinho e o espirito varonil de André de Albuquerque;

O tu, que presidiste a eclosão da actividade industrial de Juvino Barretto e da caridade christã de João Maria;

Tu, que foste o berço onde onde se aninhou o sonho alado de Severo e a chrisallida donde partiu o genio creador de Pedro Velho;

Tu, que Auta de Sousa purificou com a prece immaculada de seus versos e Segundo Wanderley enalteceu com os arroubos de sua inspiração;
—*Surge et ambula!*

* *
*

E a cidade caminhou a passos de gigante.

Natal, continuam a chamal-a oficialmente os forasteiros de toda parte que aqui vem admirar a metropole do oriente da America. *Rainha das dunas*, denominam-a os poetas que não precisam mais de *habeas-corporis* preventivo para cantar a realza, mesmo duma cidade, tão apagadas se acham já no coração do povo as vagas reminiscencias dos tempos da monarchia.

Para irmos ao *Perigo Imminente*, ha somente a difficuldade da escolha nos meios de transporte : tubos pneumaticos, aeroplanos, tramways e ascensores electricos. Muitos preferirão, nesse dia, o *calcante pede*, para se recordarem com saudade das delicias antigas da Ferro-Carril, com seus *pregos* e seus horarios.

O *Natal-Palace*, com seus terraços e jardins suspensos, abrangendo uma area de alguns kilometros quadrados, apresenta constantemente uma animação extraordinaria. Na vespera, estopcu pela primeira vez na estação monumental da praça Augusto Severo o trem da estrada de ferro transcontinental que, partindo de Londres, passa o canal da Mancha, percorre a Europa e o norte da Asia, atravessa o estreito de Behring, corta a America do Norte, galga o cimo dos Andes, desce pelos campos geraes de Matto-Grosso e Goyaz, segue o valle do S. Francisco, paira sobre a cachoeira de Paulo Affonso—uma phantasmagoria atravez das luzes de myriades de lampadas electricas—e vem terminar em Natal. Milhares de passageiros fizeram esta viagem sensacional á volta do mundo em estrada de ferro, vendo, num relance, povos de todas as raças, tendo, de hora a hora, a impressão de todos os climas, observando, como num kaleidoscopio monstro, a obra de todas as civilisações. Nesse mesmo dia, no vasto porto que se construiu annos antes adiante dos arrecifes, por meio de dois molhes gigantescos, partindo, um, da ponta do Morcego, outro, da ponta do Genipabú, como dois braços enormes querendo apertar num amplexo herculeo as ondas revoltas do mar alto, o transatlantico *Cidade do Natal*, palacio fluctuante de 40.000 toneladas, lançou ferro, despejando nos çaes, ruas e parques milhares de passageiros que vão en-

cher o trem transcontinental na torna viagem, recebendo os milhares de passageiros que acabaram de fazer a travessia sensacional.

Muitos annos antes, já a estrada de ferro Pan-Americana, com o seu ramal de La Paz a Natal, desembarca semanalmente na cidade a multidão cosmopolita que os negocios e o snobismo levam a percorrer os sertões da America.

O ponto de attração, o conforto de toda essa gente são os morros, as dunas alvas, a espaços cobertas de verdura, onde a vaga vem espriaiar-se de mansinho com uma caricia voluptuosa de amante saciada. Os poetas do mundo inteiro tem cantado o effeito magico desses luares que derramam sobre a terra e sobre o mar a luz branca, de uma suavidade diaphana, que penetra as almas, sem cançar e sem ferir.

Nos hoteis e nos casinos, teatros ao ar livre, servidos pelo telephone e a photographia a distancia, exhibem, em telas luminosas, as operas e as outras peças de effeito que a esta mesma hora entusiasman as casas de espectaculo de Pariz, Londres e Nova York.

Não quer isto dizer que Natal só possua esta especie de arte mecanica. Não ! O theatro «Carlos Gomes» reconstruido e augmentado sob os planos de um joven architecto norte-rio-grandense que vem de conquistar o primeiro premio na Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro, tendo no vestibulo a estatua de Segundo Wanderley a guiar a barca da Fantasia, empunhando o sceptro da Arte sobre o pedestal da crença, é constantemente visitado pelas maiores celebridades artisticas, e a Opera, uma joia de architectura num dos lados da praça Pedro Velho, é afamada nos grandes centros musicaes do mundo.

Agora mesmo, na temporada lyrica cujas entradas são disputadas a peso de ouro, uma diva que todos consideram maior que a Patti, tem alli sua côrte triumphal de rainha omnipotente da arte.

Dos terraços do *Natal-Palace* a vista espriai-se sobre a immensidade do Oceano pontalgada dos canos fumegantes de centenas de vapores que cruzam as aguas do porto em todos os

sentidos, e sobre a planície, coberta do casario, onde as torres dos edificios e as chaminés das usinas parecem braços erguidos para o céu num desafio a forças desconhecidas.

O bairro das Dunas, cingido graciosamente pela avenida Beira-mar, concentra a actividade do porto e formigueja de uma população cosmopolita : marinheiros, caixeiros viajantes, agentes de negocio, bufarinheiros, vagabundos, operarios, gentes de todas as raças. Docas, armazens de deposito, estaleiros, caes providos de guindastes electricos, restaurantes, cafés-concerto, bars, bazares, dão-lhe o aspecto de uma especie de pandemonio onde se ostentassem os esplendores e as miserias da civilização. No centro desse bairro, sobre um pedestal de granito em forma de algodoeiro, ergue-se a estatua de um grande homem tocando a maquina do progresso, vestido de S. Vicente de Paula, desse cuja acção efficaz na expansão da cidade todos recordam agradecidos pelo impulso que soubera dar á primeira fabrica que determinou entre nós o movimento industrial, sendo ao mesmo tempo uma escola pratica de solidariedade social e de caridade christã.

A Ribeira, cortada em xadrez de ruas, praças e avenidas, é o bairro do alto commercio, da Bolsa, dos grandes estabelecimentos bancarios. O «Banco do Natal», com seu capital de mais de cem mil contos, poudo construir, na avenida Tavares de Lyra, um edificio soberbo que attesta a sua prosperidade. Os mostradores dos bazares immensos ostentam, numa exhibição phantastica, as mais variadas mercadorias, destinadas a despertar a cobiça ou prover as necessidades da gente que por alli passa num vae-vem continuo. Num dos angulos da praça Augusto Severo, admira-se o palacio da REPUBLICA, com seus vinte andares, donde sahem diariamente as tres edições disputadas pelos seus milhares e milhares de leitores. No alto desse edificio, num mostrador enorme, que, á noite, a electricidade illumina de cores caprichosas, são exhibidas, de minuto em minuto, as noticias de ultima hora que vão chegando de todas as partes do mundo pelo telegrapho sem fio e as linhas especiaes. Nós que estamos no *Natal*-

Palace, podemos ir acompanhando, no mostrador da REPUBLICA, a discussão calorosa em que a esta hora se empenham, na Haya, os membros do Parlamento Mundial para a votação do orçamento geral dos Estados Unidos da Europa e da America, proclamados dois annos antes. Olhada assim do alto, numa noite clara em que as estrelas scintillam como diamantes, a cidade parece reclinada sob um docel luminoso que ás vezes se agita como ondas procellosas.

A avenida Potengy vae acompanhando as sinuosidades do rio, passando já alem da ponta do Periquito, num afan de conquista.

Na Cidade Alta, trava-se a lucta da resistencia entre o passado e o presente. O aborigene quiz oppor á invasão do progresso o dique de suas tradições ; porem, dia a dia, as casas se transformam, as ruas se alargam, a vida circula, impetuosa, febril, dominadora.

A Cidade Nova, com suas avenidas e seus parques sombreados, é o bairro da aristocracia, a cidade artistica, onde a riqueza impressiona pelo luxo e o bom gosto das construcções. Ao centro desse bairro, a praça Pedro Velho—o cerebro para onde convergem as manifestações da vida urbana—é dominada por uma estatua colossal do Genio, subjugando com uma mão firme a hydra do mal e apontando com a outra para uma placa de cristal onde o Destino escreve esta legenda :—*Façam o progresso que eu mantenho a ordem.*

Perdida entre grandes arvores, numa paz serena e calma, onde os asylos para toda a sorte de doentes e vencidos da vida põem um tom de doce recolhimento, a praça Pio X, onde o sentimento catholico exulta na imponencia da cathedral, abriga a estatua de um padre vestido de uma alva, branca como a pureza das benções que elle soubera conquistar, cravejada de lagrimas agradecidas que luzem como estrellas, tendo, num baixo-relevo, a figura de uma creancinha que se agasalha nas dobras de uma batina.

Alem do Baldo, o Alecrim, o grande bairro operario, conservou sua primitiva denominação poetica em homenagem ao monumento dessa «co-

tovia mystica das rimas» que pelos seculos adiante jamais perderá a força embriagadora do seu lyrismo divino, no horto de arminho, onde as almas dos humildes e dos simples vem aprender com ella á sonhar, com essa que o poeta viu dormindo eternamente entre lilazes, boiando na corrente das magoas como um lotus de extinctas primaveras.

E alem, transpondo o Morro Branco em busca de Ponta Negra, trepando os morros para os lados do sertão, dobrando a ponta do Peixe Boi, ligando-se a Guarapes—o burgo industrial—ameaçando Macahyba, fazendo de Pitimbú a cidade de campo, com suas hortas e seus vergeis, Natal arremeça-se pela terra a dentro, conquistadora, indomavel.

* *
*

Do outro lado do Potengy, cortado de pontes, surge uma cidade immensa, ou antes, estendem-se filas de armazens, officinas, docas, casas de negocio, albergues, estalagens, casas de campo. E' Natal que se atira nos braços do sertão, conquistado pela Estrada de Ferro Central. Alli vem as gentes do interior, queimadas pelo sol, porem confiantes do seu valor, fortes na sua riqueza. A seca desapareceu, ou, por outra, o homem venceu a seca, neutralizando-lhe os effeitos. A Estrada de Ferro Central foi a primeira etapa dessa lucta homericã. De vez em quando, o sol ainda apresenta os reflexos violaceos que parecem clarões de morte ; os campos são varridos pelo «alisio» ; as nuvens correm pelo céu como um frangalho ; a agua séca no leito dos rios ; porem o homem sabe aproveitar a riqueza accumulada nos açudes e vae buscar no centro da terra a agua fertilisante.

Em 1915, quando o successor do conselheiro Affonso Penna, attendendo aos reclamos imperiosos dos nossos representantes, resolveu mandar construir o açude «Gargalheiras», o resultado dessa obra foi tão assombroso que determinou a organizaçãõ de um poderoso sindicato de

capitalistas norte-americanos para a exploração da grande açudagem.

Nosso eminente representante dr. Eloy de Sousa, no exercício do seu cargo de sub-secretário de Estado para os negocios da seca, visitando um dia o «Gargalheiras», ficou impressionado com um interessante phenomeno meteorologico que se observava naquellas paragens. A leste dos municipios de Curraes Novos, Acary e Jardim, formando a linha de limites com a Parahyba, corre uma serrania baixa, especie de degráo do planalto da Barborema. As nuvens condensaram-se neste planalto em «torres» de formas caprichosas, as descargas electricas romperam o bombardeio da athmosphera em fogo, a chuva, cahindo, inundou os campos, a avalanche caminhou, impellida pelo vento, na direcção de leste a oeste. Mas, ao chegar á serrania da fronteira, tudo se enovelou numa massa informe que o alisio, soprando com furia incrível, carregou para muito longe, deixando as encostas da serrania sem uma gotta d'agua. S. exa. comprehendeu que aquella terra, a mais assolada pela seca, podia muito bem ser convertida no anteparo da seca. Com effeito, na epoca dos grandes cataclismos que modificaram a crosta terrestre, as aguas romperam quatro boqueirões por onde penetram no Rio Grande do Norte, vindo da Parahyba: Aba da Serrra, Bico d' Arara, Ermo e Boqueirão. Corrigir estas quatro soluções de continuidade na montanha era ha muito indicado como meio efficaz para dar combate á seca. As obras foram planejadas e executadas. Dentro de dois annos, barragens colossaes haviam fechado aquellas passagens que se escancaravam como partes de uma grande muralha de resistencia violentamente rompida. Formaram-se deste modo quatro lagos artificiaes bastante extensos e profundos, cujas aguas, com as do Gargalheiras, foram se infiltrando pelas terras, foram se desviando pela irrigação, de maneira a converter quasi todo o Seridó num vasto brejal, onde as culturas produzem com a exuberancia da seiva excepcional do schisto argiloso que cobre as terras araveis daquela zona. Notou-se então que as chuvas tinham-se tornado mais frequentes, qua-

si periodicas, e que o alisio não atirava mais as nuvens de roldão pela encosta da serrania abaixo. Os açudes haviam formado uma zona de evaporação permanente e continua, que repellia o alisio, fechando para uma grande parte do sertão a porta sinistra da seca.

Natal alegra-se com estes resultados, porque é o escoadouro dos productos do sertão.

E, nas outras terras que a Estrada de Ferro Central liga a Natal, nos valles do Potengy, do Ceara-mirim, do Açú, do Messoró, os poços de irrigação determinam uma frescura constante das varzeas e uma exploração sistematica do solo.

Nesta parte da cidade, do outro lado do rio, accumulam-se ainda os depositos de mineraes que as jazidas riquissimas do sertão produzem aos milhões de toneladas. E, para os lados da Redinha, fica o emporio da industria da pesca alimentada pelas importantes pescarias do canal de S. Roque.

* *
*

No espaço occupado agora pelas ruas que vão do Baldo ás Rocas, corre a grande avenida central da—*Via Sacra da Liberdade*—especie de pantheon dos heroes rio-grandenses que derramaram seu sangue por uma conquista qualquer do espirito humano. Numa das extremidades, a estatua do Camarão, simbolo da impavidez do indio affrontando o conquistador, porem subjugado afinal pela civilisação e pela fé. Na outra extremidade, a estatua de André de Albuquerque, personificando a posse definitiva do solo na lucta pela independencia. Ao centro, a figura epica de Miguelinho, emergindo de um vulcão, «onde consagra em rutilos altares o vinho do Direito e o pão da Liberdade, trazendo na fronte augusta, ungi-da de pezares, o sereno pallor dos mysticos luares e a calma de Jesus na noite da traição.»

A *Via Sacra da Liberdade* cruza com o parque Augusto Severo, onde se ergue, monumental e imponente, a gare internacional em frente ao monumento do grande aeronauta, que se as-

semelha a um ninho donde v^oa uma aguia, as azas espalmadas, como um pallio magestoso da Paz.

* *
*

Foi pelo anno de 1920, na quinta ou sexta presidencia do meu nobre amigo, coronel Quincas Moura, que a cidade tomou seu primeiro impulso, como um gigante que estremece. S. exa. comprehendeu que era tempo de agir. E, ao sopro de sua vontade energica, a cidade antiga sepultou-se na sombra de uma recordação do passado para ceder o logar a Natal moderna, bella e radiante, com suas avenidas, parques e praças, com suas arvores, muitas arvores, sombreando o asphalto e oxygenando o ar. Todos os serviços municipaes foram reorganizados. Dinheiro não faltava porque o estrangeiro disputava a collocação de seus capitaes nas obras de melhoramentos duma cidade que se destinava a ser uma das maiores metropoles do Novo Mundo. O Hausman desse renascimento morreu como um triumphador ao colher os primeiros louros da victória e descança em soberbo mausoléu—attestado eloquente da gratidão popular—no Campo Santo, que elle havia mandado reconstruir, bello, solemne e magestoso, como o templo artistico da Morte. Alem do Alecrim, o Campo Santo, com suas avenidas de monumentos funerarios, onde o cypraste chora noite e dia a musica dorida de saudades pungentes, é um ponto predilecto de passeio, onde todos se sentem presos na corrente de affectos passados para o céu. O cuidado, o asseio, o bom gosto que se nota na cidade dos mortos dá a medida de como este povo sabe honrar os que alli foram descançar das agruras da vida.

* *
*

Parece-me de bom alvitre ficar aqui nessa descripção pallida e sem arte dos esplendores da nossa capital dentro de meio seculo.

Receio que muitos dos senhores não me acreditem e quero deixar margem para algumas surpresas.

O soldado valente e ponderado muitas vezes retira-se antes de esgotada a munição.

Eu iria longe nesta viagem em busca do futuro, mesmo porque teria a vantagem de impingir-vos o que me viesse ao bestunto, sem medo de contestação. A este senhor que fita-me com olhos incredulos, a este outro que sorri com ares de mofa, direi que si Natal não for a cidade que tenho descripto, aguarde-se para tirar a prova em 1959.

Por agora, si me quizerem contestar, todas as objecções serão precipitadas. Como precipitado é o desejo manifestado por aquelle outro senhor sentado alli ao lado, que mais de uma vez quiz desertar da conferencia em busca do *Perigo Imminente*.

Tudo, por ora, não é mais que uma fantasia do meu espirito.

Ha pouco passou sobre nossas cabeças o rufo de um corpo marchando de encontro ao vento. Pensaram talvez minhas gentis ouvintes no aeroplano que as conduzirá ao pic-nic. Não foi. Era a borboleta que levava na sua aza doirada o sonho alado de muitas que agora accordam para a vida, vendo-a pelo prisma da Chimera e da Illusão.

Demos tempo ao tempo, e ainda nos restam cincoenta annos para cuidarmos dos nossos negocios e envelhecemos á espera desses melhoramentos.

Os senhores hão de ter notado que fui um tanto optimista.

Paciencia!

Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Demais, não faltarão jornalistas de opposição para affirmar, por dever de officio, que vamos em regresso e que, daqui a cincoenta annos, Natal será um montão de ruínas.

E, por falar em jornalista, não quero terminar sem um furo de reportagem a respeito das palestras que pontuarão espiritualmente o jubileu do convite que acabo de fazer-vos, embora me arrisque a alguns *reparos* do «João Alves».

«Zepherino Arruda» cantará uma dessas canções celebres que transformaram o palco da co-

media politica num seio de Abrahão e «Rosa Romariz», com seu temperamento de artista atravez de uma sensibilidade feminina, dirá como, á sombra do cajueiro amigo, gerou-se a saudade forte dos coqueiros da Limpa, vibrando, ao descer sobre a terra a sombra do crepusculo, o *aboio* que resume em si toda a poesia da terra sertaneja. «Braz Contente» lembrará aquella pagina das *Coisas da Terra* em que celebrou o desaparecimento da ultima jangada que se foi de mar a dentro, levando nas dobras da vela, branca como a alma do jangadeiro que a tripulava, seculos de força e resistencia nos quaes se retemperara no mar a energia do povo que reconstruiu a *cidade das dunas*. «Gil Pimpão» e «Lulú Capeta» carpirão magoas das muitas magoas causadas nos corações que feriram, pedindo ao «Polycarpo Feitosa», como pedirão tambem vossas mercês, que, nos seus estudos da *vida potyguar*, a par do capitulo sobre a «influencia do feijão no desenvolvimento dos povos», não deixe de tratar do effeito da neurasthenia no povoamento do solo. «Tâncredo Solidão» commungará alli mesmo a «hostia sangrenta de um sol poente», que lhe provocará uma indigestão de *santelmos*, da fixidez de versos impereciveis, e «Oscarlino D'Erbal» contará, em estrophes candentes, as peripecias da sua «viagem ao inferno» para confabular com Enrico Ferri. Muitas outras coisas espirituaes disseram ainda os intellectuaes, inclusive a historia da rapiocagem, que o «Salles Barradas» & e tal... pontinhos. A nota sensacional, porem, serão as pazes do «Y», com a Igreja, convertendo os padres e adorando as freiras.

* *
*

Ha uma falha sensivel nessa palestra sobre as grandezas da terra, porque nada disse quanto ao progresso intellectual, as bibliothecas, as escolas, os estabelecimentos de ensino, o aperfeiçoamento da nossa cultura, a elevação moral da nossa civilisação, nesse meio seculo que vae correr. Faltam-me dados para entrar em assumptos de tamanha magnitude, nos quaes não é licito dar largas á fantasia. Parece-me no emtanto cer-

to que, a esse tempo, para consôlo de nossas aspirações e satisfação da vaidade indigena, teremos, quando menos, uma Faculdade Livre de Direito.

* *
*

Não sei si a todos sorri este appello ao tempo, esta visão do futuro.

Quando lá chegarmos, seremos velhos e a velhice, dizem uns, é a eterna matadora de illusões. Para as senhoras, então, a velhice é um verdadeiro purgatorio.

Não penso assim. A mocidade tem o encanto da belleza, mas a velhice possúe a magestade da sabedoria.

Não sei o que mais poesia encerra, si o viço dos annos em flor nas ondas revoltas da paixão, si a calma serenidade da vida bem vivida, no lago tranquillo do repouso.

Poucas pessoas se regosijam, quando veem chegar a velhice, que, no emtanto, a outras apparece como o porto de paz e de abrigo onde as tormentas da mocidade vão perder-se nos reflexos apalinos de um bello pôr de sol.

A velhice que não pode mais brilhar deveria ser a eterna chamma interna que todos possuímos, um sol que tudo funde e tudo amadurece, para, em redor della, como em redor de uma vasta lareira, todos que soffrem, todos que trabalham, todos que vivem, todos que amam, todos que combatem, todos que vencem e todos que são vencidos viessem igualmente se aquecer.

Disse um dia Carmen Sylva, a rainha da Rumania que feve a ventura de cingir a tiara da realza da intelligencia e do amor, que, na sua infancia, indo um dia visitar uma senhora idosa, encontrou-a sentada, toda banhada pelos raios do sol nascente, lendo na sua grande Biblia; voltouse para ella com um sorriso tão radiante que se espalhou por toda sua existencia como a unica coisa digna de inveja neste mundo.

Felizes os que tem no coração um sorriso semelhante para poderem chegar ao fim da jornada, como numa claridade resplandecente, afim de,

desembaraçados dos laços terrestres, contemplarem face a face a felicidade eterna.

* *
*

Desculpae-me, minhas senhoras e meus senhores, si, por ventura, ao findar, derramei em vossos espiritos um sentimento de melancolia que poderá desfarçar delicadamente o cansaço desses minutos passados a ouvirem-me. Não devo abusar da vossa benevolencia e bom é que terminemos nossa palestra.

Perlustrei o campo vasto da fantasia, vareei o futuro com a sêde de um desejo patriotico, vi atravez da nevoa do Sonho uma cidade gigante, tal qual a desejaria no exaggero do meu devotamento pela terra que é o sacrario do meu amor, a patria de meus filhos. Tempo é que de lá, da aza deste sonho, volva olhos ao passado, onde dormem talvez esperanças mortas e illusões perdidas.

Que olhos poderia eu escolher si não esses que o poeta cantou nas ultimas estrophes que brotaram do seu cerebro luminoso e que vos convido a ouvir, no sagrado recolhimento de uma prece entoada á memoria daquelle que viverá eternamente na veneração dos amigos e no amor de seus filhos.

Conheço uns olhos de certa dama,
Que não são pretos, nem são azues,
Porem que gosam de vasta fama,
Olhos brejeiros, olhos tafúes.

Não são obliquos, nem circulares,
São duas gemmas de raro cunho,
Tem o mysterio dos verdes mares
Nas noites frias do mez de Junho.

Nelles descubro, nelles se ostenta
A luz incerta dos arrebóes ;
Conforme o sonho que os acalenta,
São dois escolhos ou dois pharóes.

Olhos brilhantes, olhos pãholas,

As vezes cautos, ás vezes francos,
Lembrando um tango de castanholas,
Um par travesso de saltimbancos.

Olhos de cirios contemplativos
Quando se fitam no branco altar,
Olhos ladinos, olhos furtivos,
Somente feitos para enganar.

Olhos capazes de toda empreza
Que vibram dardos no coração,
Olhos que ferem por natureza,
Olhos que matam por distração.

Olhos que trahem desejos vagos,
Subtis promessas, altos arcanos,
Que tem a calma dos mansos lagos
E a tempestade dos Oceanos.

Estranhos olhos, olhos que cegam,
Quer no castigo, quer no perdão,
Olhos abertos que tudo negam,
Olhos fechados que tudo dão.

Quando estes olhos assim diviso
Ao prisma roseo da fantasia,
Não sei, confesso, fui indeciso,
Si são de Aspasia, si de Maria.